

EDUCAÇÃO FRANCISCANA: UM CAMINHO PARA A HUMANIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

FRANCISCAN EDUCATION:
A PATH TOWARDS HUMANIZING RELATIONSHIPS

Marco Aurélio Cardoso Feliciano¹

RESUMO

Os avanços tecnológicos digitais dão à sociedade um dinamismo e uma celeridade nunca vista na história. A cada dia novas descobertas e invenções surgem para facilitar a vida das pessoas. Tudo se apresenta com a finalidade de dar qualidade à vida do ser humano em seu cotidiano e possibilitar que este resolva cada vez mais rápido as situações problemas que o afligem. As informações circulam mais rápido, as fronteiras são superadas, estabelecendo novas formas de comunicação, a ciência avança a ponto de prolongar a vida e, assim, toda a vida vai se transformando. Este é o cenário de mudança e transformação afeta pessoas e instituições, de modo a questionar e ressignificar processos e padrões. Assim, constata-se que a própria compreensão de ensino aprendizagem é ressignificada estabelecendo novos parâmetros para a educação. O advento da internet, o surgimento da IA (Inteligência Artificial), a ampla utilização das mídias e tecnologias colocam à prova antigos modelos educacionais. Mas muitos destes novos parâmetros não são tão novos assim, o que significa dizer que algumas pistas dadas hoje para a qualificação dos processos educacionais se coadunam com o legado deixado por algumas pessoas do passado, entre essas destaca-se Francisco de Assis. Este santo marcou época e perpetuou uma outra forma de ver a vida e os homens, de tal modo a embasar o surgimento de um outro humanismo diferente dos que já existiam naquele período histórico. Tal humanismo franciscano torna-se importante para o tempo presente, para a elaboração dos processos educacionais, para a idealização de um currículo humanizante e para a constituição de relações pautadas na valorização do diferente como máxima expressão da fraternidade.

Palavras-chave: Humanismo; Educação Franciscana; Princípios; Valores; Atitudes; Pedagogia e Relações.

ABSTRACT

Digital technological advances give society a dynamism and speed never seen in history. Every day new discoveries and inventions emerge to make people's lives easier. Everything is presented with the aim of giving quality to the lives of human beings in their daily lives and enabling them to resolve problems that afflict them more and more quickly. Information circulates faster, borders are overcome by establishing new forms of communication, science advances to the point of prolonging life and thus, all life is transformed. This is the scenario of change and transformation that affects people and institutions, in order to question and give new meaning to processes and standards. Thus, it appears that the very understanding of teaching and learning is given new meaning,

¹ Possui graduação em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás - IFITEG (2001) e Licenciado em História pelo Centro Universitário de Brasília - CEUB (2009). Atualmente coordena o Ensino Religioso e Ensino Médio da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima - Brasília/DF. E-mail: marco.feliciano@educacaofatima.net.br

establishing new parameters for education. The advent of the internet, the emergence of AI (Artificial Intelligence), the widespread use of media and technologies put old educational models to the test.

But many of these new parameters are not that new, which means that some clues given today for the qualification of educational processes are in line with the legacy left by some people from the past, among whom Francisco de Assis stands out. This saint marked an epoch and perpetuated another way of seeing life and men, in such a way as to support the emergence of another humanism different from those that already existed in that historical period. Such Franciscan humanism becomes important for the present time, for the elaboration of educational processes, for the idealization of a humanizing curriculum and for the constitution of relationships based on the appreciation of what is different as the maximum expression of fraternity.

Keywords: Humanism; Franciscan Education; Principles; Values; Attitudes; Pedagogy and Relationships.

1. A SACRALIZAÇÃO DO PRÓXIMO COMO PISTA PARA UMA FRATERNIDADE UNIVERSAL

Considerando todas as conquistas alcançadas na contemporaneidade, esperava-se que o ser humano chegasse a uma nova compreensão de si mesmo. As muitas guerras, as inúmeras mortes e os fracassos na busca de respostas às questões essenciais da vida em sociedade, poderiam dar ao homem a ideia de um caminho que não deveria seguir. Mas o que muitas vezes se vê é uma repetição cíclica de erros cometidos no passado. É certo afirmar que a história é feita de rupturas e permanências, e por mais que os personagens sociais, os contextos, o tempo e alguns eventos não sejam os mesmos do passado, há que se reconhecer que certos padrões se repetem como num círculo vicioso. Tudo isso leva a crer que:

a história dá sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos. Em vários países, uma certa noção de unidade do povo e da nação, penetrada por diferentes ideologias, cria novas formas de egoísmo e de perda do sentido social mascaradas por uma suposta defesa dos interesses nacionais. Isto lembra-nos que cada geração deve fazer suas, as lutas e as conquistas das gerações anteriores e levá-las a metas ainda mais altas. É o caminho. O bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam de uma vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia. Não é possível contentar-se com o que já se obteve no passado nem instalar-se a gozá-lo como se esta situação nos levasse a ignorar que muitos dos nossos irmãos ainda sofrem situações de injustiça que nos interpelam a todos (FRANCISCO, 2020 nº11).

Desta forma, legitima-se a busca de respostas que atendam às necessidades e problemas atuais. É preciso achar outros caminhos que favoreçam encontros, acolhida, amor, paz, solidariedade e perdão. É indispensável, então, que se busque uma educação integral que apresenta-se permeada em Princípios, Valores e atitudes positivas. E sabendo que tais elementos devem ser desenvolvidos nos lares, escolas e demais instituições cuja finalidade fundamenta-se no social, pode-se dizer que com isso se instaura uma nova sociedade mais justa, igualitária, fraterna e portanto, novamente humanizada.

Falar do social implica considerar e valorizar a dimensão relacional, sabendo que esta não se situa separada do ser e viver de todas as pessoas. E assim, reconhecer que todo ser humano se molda e

se transforma nas relações, dando a certeza de que o homem é potencialmente bom, pois foi criado à “imagem e semelhança” do Criador (Cf. Gn 1, 26-28).

Esse olhar positivo sobre o mundo e o ser humano é um atributo da espiritualidade franciscana, visto que Francisco de Assis vê em toda realidade que foi, e é permanentemente criada, o rosto amoroso do Criador. Esse movimento por sinal é uma pista relacional, dada pelo santo de Assis, pois o simples fato de sacralizar o outro implica vê-lo sob uma perspectiva mais positiva.

Independentemente das muitas formas de definir e explicar o humano, seja mais positivamente ou negativamente, o que se sabe é que todo encontro é desinstalador, visto que se coloca alguém diante do diferente. O encontro com o outro irrompe sentimentos, emoções, tensões e questionamentos, e por vezes gera violência, preconceitos, discriminação, domínio e até mesmo mortes. A história é marcada por muitos fatos e acontecimentos que reforçam a tensão existente do encontro com o diferente. Foi por repulsa e xenofobia que aconteceu o holocausto, foi por tentativa de domínio de uns sobre outros que aconteceram as duas Grandes Guerras Mundiais, bem como, as guerras atuais entre Rússia e Ucrânia ou Israel e Hamas servem de exemplo de conflitos geográficos, mas também, expressam tensões sócio-culturais.

O que se afirma com isso é o fato de que por trás de muitas dessas tensões, existe um problema social relacional que abarca uma dimensão macro a ponto de afetar nações, regiões e contextos, mas que também afeta micro realidades tais como, instituições, espaços, lares e vidas. O embate e polarização política, a intolerância religiosa, o racismo e enfim todas as formas de tensões relacionais atingem pessoas nos seus contextos de vida e por vezes, distanciam amigos ou familiares.

Dado o problema e devidamente colada as tensões associadas às relações humanas surgem indagações. O que fazer para tornar o humano verdadeiramente humano? Como estreitar os abismos relacionais e possibilitar o encontro, o diálogo e a acolhida do diferente?

A resposta para tais questões encontra-se no testemunho dado por pessoas que souberam ultrapassar as distâncias relacionais assumindo uma outra forma de ser e relacionar-se com o diferente. O encontro de Francisco de Assis com o sultão Malik-alKamil, no Egito, é um grato exemplo de que se houver disposição e abertura dialogal haverá também uma nova relação.

Aquela viagem, num momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos, São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes ‘entre sarracenos e outros infiéis (...), não façais litígios nem contendas, mas sede submissos a toda a criatura humana por amor de Deus’ (FRANCISCO DE ASSIS in FRANCISCO, 2020 nº 03).

O santo de Assis demonstrou clareza da própria identidade, não negou a sua fé e religiosidade, tanto que pôs-se a caminho em direção ao sultão, objetivando o martírio ou mesmo a conversão deste. Esse era por sinal o desejo de muitos cruzados que seguiam para a guerra santa buscando o martírio que lhe garantiria a salvação eterna, ou a conversão dos infiéis que deviam conhecer Jesus e o Evangelho. Contudo, Francisco de Assis faz esse caminho sem levar consigo o desejo de domínio ou de impor um modo de vida sem considerar que diante dele existia um irmão, uma vida valiosa e uma representação

do próprio Criador de todas as coisas. Foi o amor a Deus que direcionou Francisco em seu caminho e o fez colocar-se diante do diferente sacralizando-o. O santo de Assis, inaugura assim, uma nova forma de relacionar-se, provocando uma visão diferente sobre o sultão, que deixou de ser um mero inimigo, para se tornar um irmão. Enquanto muitos viam o inimigo, Francisco via o 'irmão' e por essa razão o encontro tornou-se sagrado para ambos a ponto de promover o senso fraternal em ambos.

Chegando ao Egito, Francisco, muito provavelmente, partilhava dos preconceitos dos cristãos de seu tempo a respeito do Islã. Sem dúvida pouco conhecia a respeito do muçulmanos a não ser pelas letras das canções de gesta em que eram apresentados como idólatras, adorando estátuas de Maomé e de um deus misterioso chamado Tervagant, homens luxuosos e fanáticos. Não há nenhuma possibilidade que Francisco tenha tido acesso à tradução do Corão em latim que havia sido feita na Espanha por volta de 1140, por ordem do abade de Cluny, Pedro o Venerável, desejoso de refutar os erros dos "filhos de Agar". Este texto só se tornou conhecido por bem poucos manuscritos e não deve ter sido conhecido na Itália (GUIMARÃES. São Francisco e o Sultão).

Este fato é icônico e torna-se um divisor de águas para qualquer pessoa que queira refletir sobre o humano em sua teia relacional. O certo é que mesmo diante do desconhecido o santo coloca-se em atitude de escuta, de abertura dialogal e acolhida reverente. Enfim, o que se aprende com este simples fato é que independente da cor, credo, etnia, costumes, tradições e diferentes concepções de mundo todos são irmãos filhos do mesmo Criador. O outro é centelha Divina e deve por essa razão ser amado como se ama o próprio Deus.

A partir destas afirmações constata-se que a vida em fraternidade é um dom, uma graça e uma necessidade. Há então que se ver as relações a partir dos muitos elementos que aproximam as pessoas umas das outras. Para uns a aproximação se dá pela comunhão de ideias, para outros os laços de sangue ou amizade, há aqueles que se aproximam dos outros para a complementaridade ou mesmo pela necessidade. Francisco de Assis aproxima-se do outro por causa do próprio Deus e portanto, vê todos como irmãos, amando-os, acolhendo-os e sacralizando-os. O outro é então sagrado e por essa razão não pode permanecer excluído, execrado, morto ou esquecido.

Tal afirmação comporta uma ressignificação de muitas relações estabelecidas nas instituições, lares e escolas. Assim, é preciso superar a visão pragmatista da pessoa que só vale pelo que ela produz, é necessário transcender a visão utilitarista do humano que valoriza as pessoas tão somente pelo que elas têm para oferecer, é indispensável que se repense a visão que se tem dos estudantes, pois estes não são receptáculos de informação, mas antes vidas dotadas de rosto, nomes, histórias e experiências.

2. UTOPIA FRANCISCANA: SONHO INALCANÇÁVEL OU REALIDADE POSSÍVEL

Toda tentativa de explicar, analisar e compreender a vida parte de uma base, de uma perspectiva ou de um determinado ponto de vista. Quem se dispõe a analisar uma realidade, um fato, uma situação ou uma problemática o faz a partir de uma perspectiva. Enquanto o pessimista olha a existência a partir

das situações conflituosas, tensas, violentas e degradantes da vida, o otimista procura considerar os ganhos, conquistas, vitórias, valores alcançados e objetivos concretizados.

Sempre haverá quem veja o humano com pessimismo, ceticismo e descrença, do mesmo modo que sempre existirá quem carregue a percepção do homem como alguém dotado de possibilidades, potencialidades e oportunidades. Para os primeiros, a vida torna-se peso, sendo os sonhos, projetos e ideais puros devaneios inalcançáveis, visto que, não há possibilidade de mudança ou transformação do mundo real. Já o segundo grupo alimenta o desejo da mudança, da conquista de objetivos, da transformação e da ressignificação existencial.

É neste horizonte que se situa o sentido da palavra Utopia, que para os pessimistas significa pura e simplesmente uma mera fantasia ou ilusão, enquanto os otimistas vislumbram possibilidades e horizontes. De fato, para o mundo grego a palavra Utopia remetia à algo fantasioso e ilusório, visto que etimologicamente a mesma tem o significado de “não lugar” ou “lugar nenhum”. *Topos* em grego significa lugar e com isso, o termo Utopia significa “lugar que não existe”. Mas em contrapartida, há uma linha reflexiva que explica o termo Utopia, a partir de outros parâmetros e é exatamente neste grupo que encontram-se os franciscanos.

O franciscano então, é aquele que se apresenta diante da vida e das pessoas como um ser otimista. Tal otimismo faz surgir uma outra forma de ver o mundo real que se coaduna com a chamada Utopia Franciscana, que nada mais é, que o desejo, a inspiração e o ideal de que tudo tem o potencial de alcançar a plenitude. Os sonhos vislumbrados nesta perspectiva não são meras fantasias, mas antes, uma potencial realidade.

Sonhar um mundo mais justo, fraterno, igualitário e ético é algo que o franciscano faz com facilidade pois seu olhar se detém sobre o potencial que reside na criação. Potencial este que deriva de uma compreensão religiosa na qual Francisco de Assis reconhece que Deus criou o homem à sua “imagem e semelhança” (Cf. Gn 1, 26-28). E porque Deus é bom o humano é potencialmente voltado para o bem (Cf. Gn 1, 31). Tal compreensão de Deus comporta uma teologia única e irrepetível como pode ser visto no texto que segue, que é o **Louvores ao Deus Altíssimo**, hino composto pelo santo de Assis, dois anos antes de sua morte.

[1] Tu és santo, Senhor Deus único, o que fazes maravilhas (Sl 76, 15).

[2] Tu és forte,
tu és grande (Sl 85, 10),
tu és altíssimo,
tu és rei onipotente,
tu, Pai santo, rei do céu e da terra!

[3] Tu és trino e uno, Senhor Deus, todo o bem.
Tu és bom, todo o bem, o soberano bem,
Senhor Deus, vivo e verdadeiro (cf. 1Ts 1, 9)!

[4] Tu és caridade, amor!
Tu és sabedoria!
Tu és humildade!
Tu és paciência (Sl 70, 5)!

Tu és formosura!
Tu és mansidão!
Tu és segurança!
Tu és descanso!
Tu és gozo e alegria!
Tu és a nossa esperança!
Tu és justiça e temperança!
Tu és toda a nossa riqueza e saciedade!
[5] Tu és beleza!
Tu és mansidão!
Tu és o protetor (Sl 30, 5)!
Tu és o nosso guarda e defensor!
Tu és fortaleza (cf. Sl 42, 2)!
Tu és consolação!
[6] Tu és a nossa esperança!
Tu és a nossa fé!
Tu és a nossa caridade!
Tu és a nossa grande doçura.
Tu és a nossa vida eterna,
o Senhor grande e admirável,
o Deus onipotente,
o misericordioso Salvador! (Francisco de Assis. LDA)

Todos os adjetivos utilizados por Francisco de Assis comportam uma experiência com Deus que culmina numa percepção do humano e da criação, visto que estas são reflexo do Criador. O hino apresentado acima deve ser lido e analisado em paralelo ao **Cântico de Frei Sol ou Louvor das Criaturas**, no qual o santo expressa sua percepção das criaturas e do humano.

1 Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória, a honra e toda bênção (cfr. Ap 4,9.11).

2 Só a ti, Altíssimo, são devidos; E homem algum é digno de te mencionar.

3 Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas (cfr. Tb 8,7), especialmente o senhor Frei Sol, que é dia e nos ilumina por ele.

4 E ele é belo e radiante com grande esplendor; de ti, Altíssimo, carrega a significação.

5 Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Lua e as Estrelas (cfr. Sl 148,3), no céu as formastes claras e preciosas e belas.

6 Louvado sejas, meu Senhor pelo Frei Vento, pelo ar, ou nublado ou sereno, e todo o tempo (cfr. Dn 3,64-65), pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

7 Louvado sejas, meu Senhor pela Irmã Água (cfr. Sl 148, 4-5), que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

8 Louvado sejas, meu Senhor, pelo Frei Fogo (cfr. Dn 3, 63) pelo qual iluminas a noite (cfr. Sl 77,14), e ele é belo e alegre e vigoroso e forte.

9 Louvado sejas, meu Senhor, por nossa Irmã a mãe Terra (cfr. Dn 3,74), que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas (cfr. Sl 103,13-14).

10 Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor (cfr. Mt 6,12), e suportam enfermidades e tribulações.

11 Bem-aventurados os que as suportam em paz (cfr. Mt 5,10), que por ti, Altíssimo, serão coroados.

12 Louvado sejas, meu Senhor, por nossa Irmã a Morte corporal, da qual nenhum homem vivo pode escapar.

13 Ai dos que morrerem em pecados mortais! Felizes os que ela achar conformes à vossa santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal! (cfr. Ap 2,11; 20,6)

14 Louvai e bendizei a meu Senhor (cfr. Dn 3,85), e dai-lhe graças, e servi-o com grande humildade. (Francisco de Assis. CSol).

Este hino é uma composição de louvor, e só se louva o que é reconhecidamente bom. É nesta compreensão que situa-se a Utopia Franciscana, visto que, se a criação é potencialmente boa, há assim a potencialidade de plenificar-se cada vez mais. O ser humano em si, revela-se agraciado por Deus, e portanto, voltado para a transcendência. Há um denominado Reino de Deus e um projeto para todos os homens e mulheres, e por isso, há também um ideal a ser alcançado.

Neste sentido, há que se fazer um acréscimo indispensável à compreensão da Utopia Franciscana, que é a definição dos ideais práticos e sublimes. Por *ideal prático* se entende todos os elementos de um sonho, projeto ou utopia que são passíveis de ser alcançados. Há a latente necessidade de se colocar bases concretas que podem ser atingidas pessoal ou coletivamente, para que assim, se assegure a disposição e vontade de seguir em frente. São as pequenas realizações do sonho ou projeto idealizado. O *ideal sublime*, por sua vez, é aquele horizonte que não pode deixar de existir para a pessoa ou para o grupo, mesmo que se saiba que não será alcançado na sua totalidade. Em outras palavras, trata-se de um projeto que não permite acomodação, pois tem a tarefa de levar a pessoa a seguir sempre em frente, buscando algo maior do que o que já foi alcançado.

Acreditar no humano, valorizar a vida, trabalhar para a transformação da realidade por vezes dura e pesada, assim como, louvar e bendizer a Deus e a criação, são atributos indispensáveis para aquele ou aquela que se denomina franciscano.

3. A ESCOLA FRANCISCANA COMO LUGAR DE HUMANIZAÇÃO

Considerando o humano sob uma perspectiva positiva há que se debater sobre o papel de uma pessoa para com a outra, a atribuição dos pais e responsáveis para com a formação pessoal, a responsabilidade das instituições enquanto instâncias também formativas e a função do Estado como garantidor dos direitos fundamentais dos homens e mulheres. Há muito o que se fazer pelos homens e mulheres, e todos necessitam responsabilizar-se com esta missão de modo a garantir bases para uma vida em plenitude.

Em se tratando da escola, sabe-se que esta, realiza uma tarefa insubstituível, posto que é ali que se amplia as relações e se dá as aprendizagens que dão base para a vida inteira. A escola é por si mesma o lugar da pluralidade e por esta, passam pessoas de diferentes credos, etnias, condição social, pensamentos, culturas e tradições. Educar respeitando a diversidade e a pluralidade é promover a

humanização das relações. Tal humanização deve passar pelo senso fraternal e não pela mera relação pragmática. É preciso, portanto, que as pessoas se vejam de forma menos pragmática e formal no ambiente educacional, pois por trás do papel exercido por um diretor, um coordenador, orientador, colaborador, funcionário e estudante, há uma vida, um nome, uma história e enfim, um irmão. Este senso de irmanação que emana do senso fraternal é uma dos fundamentos franciscanos que deve existir numa escola.

Já em seu Testamento, Francisco, aponta para o movimento que deve acontecer na relação com outro, que é por vezes, desafiante. O santo acena para uma auto superação para que se estabeleça o encontro, a convivialidade e o cuidado para com aquele que necessita.

O Senhor assim deu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: porque, como estava em pecados, parecia-me por demais amargo ver os leprosos. E o próprio Senhor me levou para o meio deles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo; e depois parei um pouco e saí do século (Francisco de Assis. Test 1, 2 e 3).

O texto sintetiza um movimento que coaduna com o processo de humanização das relações. E isso só acontece quando as pessoas se mostram dispostas à acolhida, ao encontro, ao cuidado e à solidariedade para com o próximo. “Francisco é bom, amável, cavalheiro, porque é profundamente humano” (BERNARDI, 19).

Ora, se a fraternidade é um fundamento inegociável do qual a Escola Franciscana não pode prescindir, deve haver entre as pessoas do ambiente escolar este clima de irmanação que é pautado pela abertura dialogal, pela acolhida indistinta, pela superação de preconceitos e discriminações, bem como, pela resiliência relacional e pelo perdão. Saber e reconhecer-se irmão de todos é assumir que a escola não é só um ambiente formal do desenvolvimento de conceitos, fórmulas e saberes científicos, mas também é reconhecer que esta é o lugar das interações favoráveis ao saber viver e conviver.

Outra importante característica do franciscanismo é a minoridade, entendendo esta como um movimento de serviço ao próximo. Francisco escolhe o título “menor” testemunhando uma outra forma de ser e viver numa sociedade estamental em que todos ansiavam por cargos, reconhecimento e destaque. O santo subverte então uma ordem social e o faz pelo simples respeito e reverência ao próximo. A **Carta ao Ministro** é assim, um verdadeiro mandato àquele que exerce uma função de mando na fraternidade.

A Frei N..., ministro: O Senhor te abençoe (cfr. Nm 6,24).

Eu te digo, como posso, acerca do caso da tua alma, que todas aquelas coisas que te impedem de amar ao Senhor Deus, e quem quer que fizer impedimento, sejam frades sejam outros, mesmo que te chicoteassem, debes Ter tudo como uma graça.

E assim queiras e não outra coisa.

E que isso seja ti obediência verdadeira do Senhor Deus e minha, porque sei firmemente que esta é a verdadeira obediência.

E ama aqueles que te fazem isso.

E não queiras outra coisa deles senão o que o Senhor te der.

E ama-os nisto; e não queiras que sejam melhores cristãos.

E que isto seja para ti mais do que o eremitério.

E nisto quero conhecer se tu amas ao Senhor e a mim, servo seu e teu. se fizeres isto, a saber: que não haja nenhum frade no mundo, que tenha pecado tanto quanto puder pecar, que, depois que tiver visto teus olhos, nunca se retire sem a tua misericórdia, se buscar misericórdia. E se não buscar misericórdia, que tu lhe perguntes se quer misericórdia. E se depois pecasse mil vezes diante de teus olhos, ama-o mais do que a mim, para isto, para que o atraias ao Senhor; e que sempre tenhas misericórdia de tais [pessoas]. (FRANCISCO. CtaM 1-11)

A carta favorece a compreensão de mensagens que são direcionadas a todo aquele ou aquela que exerce um cargo ou função de autoridade. E nesta lógica vê-se uma admoestação que pode servir de base para o professor no exercício de sua tarefa junto aos estudantes, ao coordenador que tem uma responsabilidade com as famílias e professores, às equipes diretivas das escolas que exercem uma autoridade sobre toda instituição.

Sobre esta mensagem, cabe dizer que, o santo não nega o poder ou a autoridade que deriva de uma função, mas antes, impõe a condição de humanizar a relação existente entre o superior e o subordinado.

Inicialmente, o texto acena para o desenvolvimento de um estado de espírito que permita que o amor seja dado a toda e qualquer pessoa. A máxima apresentada, é que todos devem receber atenção, mesmo que tenham sido motivo de queda, raiva, angústia, tristeza ou medo. Ou seja, a presença de estudantes, companheiros de profissão, familiares, coordenadores ou diretores que causem mal, não podem causar a perda de sentido de uma missão assumida. Assim, vê-se a pessoa para além de seus limites, erros e pecados, ao mesmo tempo em que se exige um movimento de auto transcendência e resiliência.

O texto versa, também, sobre o amor misericordioso que deve ser destinado a todos, indistintamente, e para que este seja uma realidade, é preciso que haja a capacidade de perdoar. O perdão de uma ofensa recebida na sala de aula, a superação de uma tensão relacional e a disposição de harmonizar uma relação ferida com um colega de trabalho, com um estudante, um familiar ou qualquer outra pessoa é um movimento daquele que se reconhece franciscano.

Tal movimento não mina a autoridade de uma pessoa, ao contrário, reforça-a de modo a dar um poder que transcende o título. Nesta linha, cabe dizer que o superior permanece com suas atribuições, e entre essas, destaca-se a necessidade de realizar a *Correção Fraternal*. E esta, nada mais é, que o aceno dos limites, erros, pecados e deslizes cometidos por algum irmão. O erro cometido não pode ser escondido e deve ser corrigido com “ternura e vigor”.

É fato incontestável que o professor deve corrigir o erro, mas o que difere um docente comum do franciscano, é a forma como este último realiza a correção. O educador franciscano é aquele que faz a correção com respeito e amor. É aquele que chama para perto e faz sua observação com discrição e segurança, não expondo o delito aos olhos de todos. É aquele que sai do lugar para ir aonde o outro está. É enfim aquele que não ama o pecado, mas, mantém-se amando o pecador.

Apresentada a máxima da fraternidade e da minoridade como pistas para a humanização das relações nas escolas, é preciso ainda destacar o olhar como pressuposto essencial franciscano. Ver as coisas, a criação e as pessoas de uma forma mais positiva é ver a realidade franciscanamente. Tal movimento pode ser exemplificado no relato da conversão dos dois ladrões.

- 1** Certa vez, em um eremitério dos frades acima de Borgo San Sepolcro, vinham às vezes ladrões para pedir pão aos frades, porque naquela província escondiam-se em grandes florestas e saíam às vezes nas estradas e nos caminhos para espoliar as pessoas.
- 2** Por isso, alguns frades do lugar diziam: “Não é bom dar-lhes esmolas, principalmente porque são ladrões e fazem tantos e tão grandes males às pessoas”.
- 3** Outros, levando em conta que pediam humildemente e por serem obrigados por grande necessidade, de vez em quando davam-lhes alguma coisa, sempre admoestando-os para se converterem à penitência.
- 4** Nesse meio tempo, o bem-aventurado Francisco chegou àquele lugar e os frades o interrogaram se deviam dar pão ou não.
- 5** Disse-lhes o bem-aventurado Francisco: “Se fizerdes como vos direi, confio no Senhor que conquistareis suas almas”.
- 6** E lhes disse: “Ide, adquiri pão e vinho dos bons, e levai-os para eles na floresta, onde sabeis que eles vivem, clamando e dizendo:
- 7** Irmãos ladrões, vinde a nós, porque somos irmãos e vos trazemos bom pão e bom vinho.
- 8** Eles virão imediatamente a vós, e vós estendereis uma toalha no chão, e poreis em cima pão e vinho, para servi-los humilde e alegremente, enquanto estiverem comendo.
- 9** E depois da refeição, falar-lhes-eis algumas palavras do Senhor e por últimos pedir-lhes-eis por amor do Senhor este primeiro pedido: isto é, que vos prometam que não vão bater em ninguém, nem vão fazer algum mal a algum homem ou outra pessoa, porque, se pedirdes tudo ao mesmo tempo não vos escutarão.
- 10** E eles, por causa da humildade e da caridade que lhes demonstrastes, logo vos prometerão.
- 11** E no outro dia levantai-vos e, por causa da boa promessa que vos fizeram, acrescenteis ao pão e ao vinho ovos e queijo, e levai-lhes do mesmo modo e servi-os enquanto comerem.
- 12** E depois da refeição dizei-lhes: Porque ficais aqui o dia inteiro morrendo de fome, e sofreis tantos males, e por vontade e atos fazeis tantos males, pelos quais perdeis vossas almas se não vos converterdes disso?
- 13** Pois é melhor servirdes ao Senhor, e Ele vos dará neste século o que é necessário para o corpo, e no fim vai salvar vossas almas.
- 14** E o Senhor os inspirará, por sua misericórdia, para que se convertam por causa da humildade e caridade que demonstrastes para com eles”.
- 15** Então os frades se levantaram e fizeram tudo como lhes disse o bem-aventurado Francisco;
- 16** e eles, pela misericórdia de deus e por sua graça, que desceu sobre eles, ouviram e observaram à letra, ponto por ponto todos os pedidos que os frades lhes fizeram.
- 17** Até mais: por causa da familiaridade e da caridade que os frades demonstraram para com eles, começaram a carregar lenha para eles nas costas para o eremitério.
- 18** Tanto que pela misericórdia de Deus, por causa da caridade e de misericórdia que os frades lhes demonstraram, alguns entraram na Religião, outros acolheram a penitência, prometendo nas mãos dos frades que daí em diante não iam cometer aqueles males mas queriam viver do trabalho de suas mãos.
- 19** Por isso os frades ficaram muito admirados e outros que ouviram e souberam disso, considerando a santidade do bem-aventurado Francisco, como predissera a conversão deles, que eram homens tão pérfidos e iníquos, e como se converteram ao Senhor tão depressa (FRANCISCO. LP 90)

Este texto pode possibilitar uma analogia sensacional do espaço educacional, traduzindo, muitas vezes, o que se encontra nas muitas salas de aula. Atualmente as salas de aulas estão repletas de crianças e adolescentes que são rotuladas como indisciplinadas, agressivas, desmotivadas, mal educadas, “burras” e muitos outros termos que não expressam quem são verdadeiramente. Todas estas necessitam ser vistas para além de seus erros, de seus fracassos e seus limites. Todas elas necessitam ter sua dignidade e humanidade devolvida, pois só assim, podem ter a chance de encontrar seu lugar na sociedade.

Francisco de Assis conduz um caminho pedagógico no qual “os ladrões” recebem a chance de reverem suas vidas e mudar o caminho. Mas o santo de Assis, possibilita também uma autoavaliação para os frades que haviam maltratado aqueles “ladrões”. Estabelecendo um paralelo entre esses personagens e os sujeitos da educação (professor e estudante), nota-se a necessidade de que todos revejam suas posturas e atitudes. É preciso romper com o círculo da violência, no qual um desrespeito recebido justifique uma humilhação ou ofensa devolvida.

A partir da reflexão proposta neste texto, chega-se à conclusão de que o processo avaliativo educacional deve ter uma via de mão dupla, e mais do que achar culpados para os erros cometidos, é preciso que todos assumam sua responsabilidade em prol da verdadeira mudança. O verdadeiro processo avaliativo é aquele que possibilita que todos os agentes revejam seus objetivos, realizando uma autoavaliação.

Uma palavra tem o poder de destruir e edificar, de manter ou transformar e quando as pessoas rotulam, negativamente, umas às outras se criam gaiolas que limitam ou por vezes matam sonhos e projetos. É essencial voltar a dizer ao estudante que há alguém que acredita nele, que existe alguém que o vê a partir de algo bom que ele fez, que o motiva a ir além e não desiste dele nos momentos difíceis.

Esta sociedade, por sinal, nunca precisou tanto quanto agora, de referenciais de vida, que humanamente humanizem os processos, de modo a restaurar e harmonizar tantas relações feridas. É preciso que surjam pessoas conscientes de si mesmas, que testemunhem Princípios e Valores por meio de suas atitudes, que se mostrem capazes de acolher o outro, dialogar com o próximo, escutar a necessidade do irmão e da irmã, cuidar da criação, vivendo a paz e o bem. Somente assim, as escolas tornar-se-ão espaços de fraternidade, de minoridade, com um olhar capaz de ver a beleza do humano, valorizando-o como espelho do próprio Criador.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, Orlando. **Francisco de Assis: um caminho para a educação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

GUIMARÃES. FREI ALMIR. **São Francisco e o Sultão**. Teria Francisco realmente buscado o martírio? Disponível em: <https://franciscanos.org.br/carisma/sao-francisco-e-o-sultao-iv.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 25 maio 2024.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli tutti. Le vie della Cristianità**, 2020.

Francisco de Assis. **Fontes franciscanas: historiografia franciscana brasileira**. Ed. Vozes LTDA. Em coedição com o CEFEPAL do Brasil. Petrópolis, RJ. 1996